



Salve Oxum, salve Iara, salve Iemanjá

Estou de volta! E radiante com o fato mais que auspicioso, de ter meu retorno a esta coluna acontecendo justamente hoje, 2 de fevereiro.

Confesso que adorei meus dias de férias sem a preocupação de prazos e entregas de artigos. Amei viver dias de descanso e muita reflexão sobre o momento histórico em que vivemos; mas, de qualquer modo, não posso negar o quanto aprecio compartilhar os domingos com você, amigo leitor. E, por isso, quero agradecer a chance de voltar a fazer parte da sua vida.

Hoje é o dia em que devotos de todo o Brasil se reúnem para celebrar Iemanjá, a poderosa orixá dos mares, considerada a grande mãe das águas na mitologia iorubá.

Em diversas cidades, especialmente em Salvador e no litoral do país, oferendas são lançadas ao mar como forma de agradecimento e pedidos de proteção.

Salve Iemanjá!

Essa tradição, profundamente enraizada na cultura afro-brasileira, reflete a força da religiosidade de nossa matriz africana e sua conexão com os elementos naturais. A influência da mitologia iorubá no Brasil se manifesta de maneira intensa no candomblé e na umbanda, onde os orixás representam forças da natureza e aspectos da vida humana.

Iemanjá é a grande mãe, protetora dos pescadores, da fertilidade e da família. Seu nome deriva do iorubá “Yèyé omo ejá”, que significa “Mãe cujos filhos são peixes”. Que metáfora bonita, né? A vida neste planeta realmente veio do mar, e reverenciar a força da natureza me parece algo essencial. Somos o planeta água, apesar do nome Terra.



Por isso, é bom lembrar que, além do mar, as águas doces também têm sua divindade: Oxum, orixá dos rios, cachoeiras e lagos.

Salve Oxum!

Ela representa a feminilidade, o amor e a riqueza, Oxum é sincretizada no catolicismo com Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora Aparecida. Ela rege as águas que nutrem a terra e os seres vivos, sendo cultuada como a protetora da gestação e da sensibilidade humana. Juntas, Iemanjá e Oxum formam um elo poderoso entre os diferentes aspectos da água, unindo o oceano e os rios, o salgado e o doce, a força e a delicadeza.

A conexão com as águas também está presente nas tradições indígenas brasileiras, que têm seus próprios mitos ligados aos rios e mares. Uma das figuras mais conhecidas é Iara, a sereia amazônica. Assim como Oxum, Iara é uma entidade associada à sedução e à beleza, mas também carrega um aspecto de poder e mistério. Nos contos indígenas, ela vive nas águas dos rios e encanta aqueles que a ouvem cantar, atraindo-os para as profundezas.

Salve Iara!

A semelhança entre Iara, Oxum e Iemanjá não é coincidência. As religiões de matriz africana e as crenças indígenas compartilham uma

visão sagrada da natureza, na qual os rios, os mares e as florestas são entidades vivas e divinas. Honrar essas raízes é valorizar a diversidade cultural do Brasil e reconhecer a resistência dos povos indígenas e afrodescendentes, que mantêm vivas suas tradições mesmo diante de séculos de opressão.

Por isso, hoje convido o amigo leitor a celebrar Iemanjá e também a se abrir à reflexão sobre a importância da preservação das águas. Aqui bem perto, na Chapada dos Veadeiros, temos nosso berço das águas vivendo momentos de perigo.

Que neste momento, a alma dos que estão envenenados pela ganância, apostando na especulação imobiliária e na devastação do Cerrado, sejam tocados pela força dos orixás e possam fazer melhores escolhas!

Que possamos, todos nós, aprender com os povos originários e africanos, que cultuam rios e oceanos como morada dos deuses. Que essas mesmas águas, que estão ameaçadas pela poluição e pela degradação ambiental possam ser preservadas.

Que possamos entender que proteger a natureza é um compromisso com as futuras gerações, e ao lançar nossas oferendas às águas, possamos também renovar nosso compromisso com a preservação da cultura e do meio ambiente.

Seja no canto de Iara, no brilho dourado de Oxum ou na força maternal de Iemanjá, que as águas possam seguir nos guiando.